

FORMAÇÃO, TRANSGRESSÃO E RUPTURAS NA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES


FORMATION, TRANSGRESSION AND RUPTURES IN BLACK-BRAZILIAN LITERATURE WRITTEN BY WOMEN




Dossiê

Ressonâncias de escrituras:
literatura, antirracismo e educação
literária

Organizadoras:

 Dra. Adriana de F. A. L. Barbosa

 Dra. Milena Britto de Queiroz

 Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto

v. 30, n. 57, dez. 2021
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v30i57.38264

Fluxo da Submissão

Submetido em: 30/05/2021

Aprovado em: 26/11/2021

Distribuído sob



 **Mirian Cristina dos Santos**
miriansantos@unifesspa.edu.br

Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), *Campus São Félix do Xingu*. Autora do livro "Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea" (Malê, 2018).

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

No encaixo da "escrivência", conceito criado a partir da obra de Conceição Evaristo, a proposta deste artigo é refletir sobre formação, transgressão e rupturas na literatura negro-brasileira escrita por mulheres, por meio de um olhar para a produção literária das escritoras Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Miriam Alves, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Eliana Alves Cruz e Jarid Arraes.

Escrivência; Literatura negro-brasileira; Formação; Transgressão; Ruptura.

In the pursuit of "escrivência", a concept created from the work of Conceição Evaristo, the purpose of this article is to reflect on formation, transgression and ruptures in black-Brazilian literature written by women, through a look at the literary production of women: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Miriam Alves, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Eliana Alves Cruz and Jarid Arraes.

"Escrivência"; Black-Brazilian literature; Formation; Transgression; Rupture.

“Creio que conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, *Escrevivência*”

(*Conceição Evaristo*)

Ao refletir sobre a autoria negra feminina, percebe-se que ainda hoje a produção literária dessas mulheres resiste em um território de tensão. Em *Literatura Brasileira: um território contestado* (2012), a professora Regina Dalcastagnè, após quinze anos de estudo sobre a narrativa contemporânea, aponta que o perfil do escritor brasileiro se constitui de “homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo” (p. 162). Ademais, a pesquisa minuciosa ainda denuncia o caráter restritivo das representações, uma vez que as personagens são de maioria branca, com a recorrente estereotipização de outros grupos, isso quando esses são representados. Exemplo disso são figurações de mulheres negras majoritariamente como domésticas e de homens negros como criminosos.

Nessa mesma vertente reflexiva, a escritora e pesquisadora Conceição Evaristo apresenta em sua produção intelectual uma leitura crítica da literatura canônica. Em um dos seus artigos, por exemplo, ao fazer a releitura de obras canônicas da literatura brasileira, a escritora aponta que em hipótese nenhuma o negro é associado à gênese brasileira, constituindo-se apenas como “um corpo escravo” (EVARISTO, 2009, p. 21). Evaristo ainda aponta a referência constante dos negros enquanto analfabetos e destituídos de linguagem, em muitas das obras, como fator complicador para o não reconhecimento do texto literário escrito por negros.

Dessa forma, um universo de representações estereotipadas, limitadoras e equivocadas ainda subjaz o dorso da leitura dos brasileiros, tornando-se substancial refletirmos sobre a necessidade do movimento da crítica literária e do mercado editorial na acolhida de novas vozes. “A

melhor solução para se relacionar com a literatura de maneira não naturalizada seria pensá-la como forma inclusiva.

Cabe imaginar que a todo momento um escritor desconhecido pode estar emergindo como força inaudita, capaz de entrar em plena interlocução com outros autores” (NASCIMENTO, 2009, p. 70). Assim, a necessidade de uma nova configuração da literatura, apontada pelo professor Evando Nascimento, possibilitaria de fato uma literatura mais representativa e inclusiva nas mãos dos leitores.

Se a *ideia* de literatura [...] não se resume mais à desgastada noção de cânone; se mais e mais produções não-canônicas devem ser relacionadas, catalogadas e consultadas no acervo literário, que se torna assim um corpus em permanente expansão, então é preciso pensar o porvir da literatura como de fato ainda e sempre por-vir (NASCIMENTO, 2009, p. 71).

De fato, movimentar e ampliar o cânone literário, de forma a “mudar cor da literatura”, para a escuta de outras vozes já existentes, e as que ainda estão por vir, significa questionar o *status quo* acerca dos lugares do saber, o que de certa forma são também sustentados por esta mesma literatura que exclui a maioria e privilegia um único grupo – mantendo-se o caráter estático dessa seleção.

É fato que “o aporte trazido pelos Estudos Culturais, possibilitando o questionamento do cânone, e trazendo para a ordem do dia textos, assuntos e valores, que ainda não tinham recebido a devida consideração, é decisivo e ajudou a reconfigurar a paisagem literária das últimas décadas” (NASCIMENTO, 2009, p. 83). No entanto, essa nova configuração do cenário literário ainda é percebida enquanto restrita, uma vez que os escritores negros ainda não foram acolhidos de forma consistente pelo sistema literário, principalmente ao considerarmos o mercado editorial.

Publicar ainda significa um desafio para os escritores negros, que, para trazer a

público suas produções ainda recorrem quase sempre a financiamentos próprios, contando com o apoio de amigos e divulgação nos canais de internet, ou ainda, a publicações coletivas, na esperança de baratear custos e romper as barreiras da publicação (Cf. SILVA, 2011). Apoiando tais produtores, existem no país algumas pequenas editoras e livrarias trabalhando especificamente com a temática étnico-racial. Sendo assim, escritores independentes e editoras menores “cientes das barreiras comerciais junto a grandes redes, têm nesses espaços, não só uma oportunidade de divulgar as suas marcas, assim como os nomes que fazem parte de seus catálogos que dificilmente conseguem ser lançados em outros espaços” (SILVA, 2011, p. 51), em virtude de um mercado editorial racista e sexista (Cf. DALCASTAGNÈ, 2012). Dessa forma, refletir sobre a escrita de mulheres negras perpassa também os (des)caminhos da publicação.

Considerar as relações de poderes que se perpetuam no campo do saber aponta também para a necessidade de novos parâmetros e concepções para a leitura da produção das mulheres negras. Ao tratar das peculiaridades do texto negro-feminino, a poeta, pesquisadora e professora Lívia Maria Natália de Souza observa que “instrumentos e paradigmas de análise que comumente são acionados nos estudos de literatura não seriam suficientes para abarcar a complexidade das representações e das opções éticas e estéticas oferecidas pelos textos destas mulheres” (SOUZA, 2015, p. 91), uma vez que tais textos trazem uma “teorização própria” ainda pouco considerada na teoria literária brasileira.

Consoante tais apontamentos, em “Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea” (2018), considerando que a acolhida de textos de autoria negra ainda está em um processo incipiente pela crítica literária, alvitrei a leitura das escritoras

negras enquanto intelectuais, a partir de suas escritas literárias, uma vez que em seus livros elas “abordam as principais demandas da mulher negra na contemporaneidade, dão visibilidade às culturas africanas e afro-brasileiras, denunciam a condição marginalizada e subalternizada do negro e fazem dessa literatura escrita por mulheres local de força, resistência, afirmação e denúncia” (SANTOS, 2018, p. 15).

Nessa discussão, reivindicar o espaço intelectual para mulheres negras literatas, adveio principalmente de um diálogo estreito com o conceito de Literatura negro-brasileira, do poeta e ensaísta Cuti, em que o autor realociza a escrita de autoria negra na crítica, a partir de um lugar político de pertencimento. Além disso, as reflexões da pensadora norte-americana bell hooks¹ (1995), ao pensar a necessidade de descolonizar, desandrogenizar e desnortear a concepção eurocêntrica de intelectual, também estiveram no fio da abordagem, visto que não é concebível que ainda hoje nosso entendimento de intelectualidade ainda esteja congelado na figura de homens brancos acadêmicos, cis, do centro do mundo. Dessa forma, considerar o caráter transgressor e pedagógico, para além das paredes acadêmicas, da produção literária das intelectuais negras torna-se pertinente.

Refletir sobre a literatura negro-brasileira escrita por mulheres traz para a discussão o registro do presente da trajetória de um segmento populacional relegado ao subemprego, considerado como formado por analfabetos e destituídos de capacidade de utilizar adequadamente a linguagem. Nessa discussão, antes é importante ponderar que o próprio ato da escrita carrega a insubordinação. “Quem nos deu permissão para escrever?”, indagou Glória Anzaldúa em sua famosa carta às mulheres do terceiro mundo. Há quarenta anos, a ativista já nos convocava a esquecer *o teto todo seu*, de

1 bell hooks (grafado em letras minúsculas, opção da autora) é o pseudônimo de Glória Jean Watkins. Adotou esse pseudônimo em homenagem à avó materna, como um ato político, uma vez que esse nome garantiria um direito de expressão autônomo, que o nome Glória Watkins não permitiria (Cf. RIBEIRO, 2012).

Virginia Woolf, e assumir a força do verbo advindo das margens: “Esqueça o quarto só para si – escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar” (ANZALDÚA, 2000, p. 233). Aqui, a pensadora considera as limitações de tempo, de lugar e de espaço que estão entre a escrita, o papel e a materialidade do texto de quem ocupa a base da pirâmide. Contudo, há urgências no imperativo de que assumamos as nossas próprias histórias: “Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. [...] Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora” (ANZALDÚA, 2000, p. 232). Assim, o convite para assumir nossas ideias, histórias e teorias remete à necessidade de preenchimento das lacunas da história única e deixemos de ser meros objetos amorfos de estudos.

Reverter os silêncios em palavras nem sempre se apresenta como tarefa fácil ou palpável. Para além disso, a pensadora norte-americana Audre Lord nos convida a transformar o silêncio em linguagem e em ação:

Para aquelas de nós que escrevem, é necessário esmiuçar não apenas a verdade do que dizemos, mas a verdade da própria linguagem que usamos. Para as demais, é necessário compartilhar e espalhar também as palavras que nos são significativas. Mas o mais importante para todas nós é a necessidade de ensinarmos a partir da vivência, de falarmos as verdades nas quais acreditamos e as quais conhecemos, para além daquilo que compreendemos (LORDE, 2019, p. 54-55).

Parece bastante oportuno aproximar o chamado de Lorde com a escrita-ação das escritoras negras brasileiras. Aqui, é impossível não trazer o conceito de

“escrevivência”, cunhado no rastro da literatura de Conceição Evaristo para esta conversa: “Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado” (EVARISTO, 2020, p. 30). Dessa forma, uma escrita-liberdade ecoa dos gritos antes agarrados em gargantas diaspóricas, vozerio aproximado por um lugar de intersecção atravessado pela tríade, gênero, raça e classe – e também pela “dororidade, pois contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo” (PIEIDADE, 2017, p. 16).

Nessa perspectiva, a princípio, “escrevivência” parece dispensar definição, uma vez que essa escrita que se quer comprometida com a vida aparenta exigir de escritoras negras uma consciência do seu lugar e suas especificidades na sociedade enquanto mulheres e negras: “creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências” (EVARISTO, 2020, p. 52). Relacionando “escrevivência” com literatura, percebe-se que uma aproximação entre literatura e vida real propicia uma confusão entre ficção e realidade, desconsiderando por vezes o trabalho estético. O diálogo entre o texto literário e a experiência de vida requer mais que uma mera repetição da realidade, conforme apontado pela pesquisadora Cristiane Côrtes:

A perspectiva da “escrevivência” alcança uma dimensão cultural e política, mas sem recair nas armadilhas da literatura puramente engajada, preservando a potência da realidade social na ficção. É uma literatura que suplementa aquela habitual, não deseja golpeá-la, mas sabotá-la, repetir para transformá-la (CÔRTEZ, 2016, p. 54).

Nesse sentido, a escrita dessas mulheres negras aparece articulada com experiências vividas, aspirando trazer para

a discussão as experiências da população negra de forma humanizada, que esteve à margem da literatura oficial. Assim, “suas experiências pessoais são convertidas numa perspectiva comunitária. O seu discurso sabota o oficial porque cria um devir mais justo e coerente com o povo que quer representar” (CÔRTEZ, 2016, p. 56). É importante considerar que essa aproximação entre trabalho intelectual e experiências vividas não abrange uma mera transposição de realidades ou de trocas de papéis entre personagens brancas e negras em suas representações. Essas narrativas, a partir da compreensão da realidade experiencializada pela população negra, trazem a dor, a falta e a violência no âmago da fruição.

a escrevivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrevivência já demanda outra leitura. Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (EVARISTO, 2020, p. 38).

Sendo assim, observa-se que a literatura de autoria feminina negra extrapola o individual, abrangendo uma escrita coletiva. Ou seja, ela parte de uma subjetividade, mas abarca uma subjetividade coletiva diaspórica. “Assim, quando uma intelectual negra fala a partir de um eu, ela não fala a partir do fetiche autolaudatório da autobiografia, ela delimita, nessa fala, as fronteiras de um país desconhecido, que vai se construindo no texto” (SOUZA, 2020, p. 218). É o que pode ser observado na literatura feminina negro-brasileira, ao trazer histórias não contadas e “descobrir” espaços e corpos antes não considerados, mesclando vida e arte, a partir de uma “subjetividade coletiva”.

Nesse sentido, ler, analisar e interpretar a produção literária dessas mulheres é de suma importância, “porque a literatura pode dar a ver situações que são tornadas ‘invisíveis’ e, assim, contribuir minimamente para a sua discussão, [sendo] importante que sejam inseridas novas vozes, provenientes de outros espaços sociais, em nosso campo literário” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 299). De forma que o acesso a obras de autoria negra feminina possibilitará uma releitura sobre a literatura e a sociedade brasileiras, visto que “ser mulher e ser negra marca um espaço de interseccionalidade – onde atuam diferentes modos de discriminação – que ainda é pouco reconhecido” (op. cit.).

Sendo assim, um rápido levantamento da literatura negro-brasileira escrita por mulheres revela um mundo plural e um outro modo de representação de espaços e corpos antes desconsiderados ou, quando sim, submersos em uma representação estereotipada. Para essa discussão, dialogarei com a escrita das autoras Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Miriam Alves, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Eliana Alves Cruz e Jarid Arraes, que, a meu ver, contêm marcas que possibilitam formação, transgressão e rupturas no campo literário.

Traçar linhas sobre a literatura negro-brasileira escrita por mulheres exige destacar os pioneirismos de Maria Firmina dos Reis. *Úrsula*, seu romance, publicado em 1858, constitui-se do primeiro romance abolicionista brasileiro, além de ser considerado o primeiro romance escrito por uma mulher no território nacional (LOBO, 2014). Em sua narrativa, duas personagens negras são apresentadas de forma humanizada e de maneira bastante significativa para o desenrolar do enredo. Além de apresentar em Túlio a nobreza de cavaleiros medievais, a autora o constitui como “base de comparação” (DUARTE, 2014, p. 56) para o herói protagonista branco. O romance expõe ainda de forma

detalhada e bastante sensível a história de Mãe Suzana, mulher negra escravizada, que carrega nos olhos memórias de seu corpo livre em África, e também as violências da travessia.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte.

Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozejar. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que nos esaldou e veio dar a morte aos cabeças do motim.

A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades (REIS, 2018, p. 74).

Torna-se relevante também apontar o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis em narrar a diáspora africana em um Brasil escravista, uma vez que o referido romance é escrito e publicado antes da “abolição”. Embora aqui não se pretenda, e nem seja possível, esgotar a potência da escritora maranhense, é preciso frisar que a temática da escravidão também é presente em outros textos da autora. No conto “A escrava”, publicado em 1887, por exemplo, a personagem escravizada Joana enlouquece após ter dois de seus filhos vendidos.

Outra escritora imprescindível na discussão sobre o caráter transgressor e educador da literatura negro-brasileira escrita por mulheres é Carolina Maria de Jesus. Baluarte da autoria negra, a autora de diários, romances, contos, peças teatrais, letras de músicas, influenciou inúmeras escritoras negras da contemporaneidade. “É através da escrita que Carolina torna-se sujeito de si mesma, uma vez que põe no papel seus dramas e angústias, seus medos e frustrações; e através dela torna-se sujeito social ao retratar a pobreza e a miséria presente no ‘quarto de despejo’” (LOPES, 2010, p. 171). É impossível negar a potência da escrita de Carolina Maria de Jesus, que ainda hoje, sessenta anos após o lançamento de seu primeiro livro, se faz tão atual ao pensar o Brasil também do presente.

Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo o jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (JESUS, 2000, p. 96).

Revisitar o diário de Carolina, mesmo considerando marcas temporais e espaciais de gêneros textuais datados, provoca ainda movimentos. Suas reflexões e questionamentos rompem estruturas engessadas e subvertem a ordem, ultrapassando as amarras literárias, uma vez que sua escrita multifacetada atravessa tempos e áreas. Dessa forma, o teor do excerto citado, referente à 11 de agosto de 1958, pouco difere da violência policial diuturnamente presenciada ainda hoje no país de norte à sul. A aproximação, de forma irônica, da violência policial na abordagem do corpo negro ao regime escravocrata também revela a sofisticação

das reflexões de Carolina – uma pensadora que tem muito a oferecer às pautas do presente.

A escritora Miriam Alves também muito acrescenta ao campo literário. Ao lançar um olhar sobre a sua produção “as angústias, tensões, felicidades, desencontros, revoltas, possibilidades, próprios do ato de viver, são assuntos” (FONSECA; SOUZA, 2006, p. 161). De forma que uma multiplicidade de personagens negras de diferentes estratos sociais experientializam a complexidade de existir em uma sociedade machista e racista. Em sua produção em prosa, por exemplo, personagens femininas são destaques na tentativa de sobrevivência coletiva na corda bamba da vida.

As mulheres, com desculpa de comprar gêneros, transformaram Gertrudes em confidente e conselheira, compartilhavam dores, amores e clamores que abarrotavam as prateleiras de suas vivências. Uma feira de trocas de sentimentos, aliviando as angústias, os fardos da vida corriqueira. Relatos povoados de filhos que sumiram na lida da vida sem rastro ou notícias; maridos falecidos que as deixaram à míngua; maridos embriagados, torrando em aguardente o suado pão de cada dia. Relacionamentos desfeitos e refeitos; abortos provocados de quem não queria mais filhos; filhos não concebidos para aquelas que os queria. Filhas engravidadas, noivados, casamentos, traições, desejos. Enfim, um universo de emoções. Doenças e curas, sonhos destruídos, sonhos reconstruídos, lágrimas e risos, decepções e expectativas [...]. Comercializava viveres e participava ativamente chorando junto, amparando, curando. Para aquela feira de sentimentos expostos, ela agia aconselhando, interferindo, receitando chás, ensinando simpatias, ajudando a solucionar as situações específicas de cada um. Envolvia-se tanto que, às vezes, preocupada, dormia sem descansar, agitava-se, sono povoado, com as histórias e todas aquelas mulheres, com vidas parecidas com a dela (ALVES, 2015, p. 56).

São de passagens assim que são

delineadas as linhas do romance *Bará na trilha do vento* (2015), de Miriam Alves, ao trazer outros corpos, espaços, tempos para a literatura. Aqui, as culturas africanas e afro-brasileiras não são folclorizadas ou tratadas de maneira exótica. Em seus textos, assim como em outros da literatura negro-brasileira, “o ritual é frequentemente concebido como um recurso capaz de assegurar uma aliança com a ancestralidade africana. Através de sua materialização, sob a forma do encantamento, dos cânticos entoados por suas mais velhas, dos banhos de folha” (SALES, 2015, p. 25), com a força da oralidade, que terá papel imprescindível no movimento da história. Movência que também se propaga no romance *Maréia* (2019), da referida autora, em que os encontros da família negra são regados com músicas, comidas, afetos, rodas de conversas e cirandas de mulheres. Além disso, Miriam Alvestraz em paralelo a história dos algozes, que edificaram suas histórias “entre lendas e falácias”, possibilitando-nos outras leituras e releituras da história oficial.

De maneira semelhante, na prosa de Conceição Evaristo há um novo direcionamento para os múltiplos corpos negros. “Creio que é a humanidade das personagens. Construo personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam. Busco a humanidade do sujeito que pode estar com a arma na mão. Construo personagens que são humanas” (EVARISTO, 2020, p.31). Dessa forma, a escritora coleciona personagens sobreviventes na complexidade do existir.

Foi por aqueles dias do assalto ao deputado que Davenga conheceu Ana. A venda do relógio lhe havia rendido algum dinheiro, fora o que estava na carteira. E de cabeça leve resolveu ir com os amigos para o samba. Sabia, porém, que devia ficar atento. Estava atento, sim. Estava atento aos movimentos e à dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da televisão. A bailarina dançava

livre, solta, na festa de uma aldeia africana [...]. Ele criou coragem. Ela preciso coragem para chegar a uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço. Aproximou-se e convidou-a para uma cerveja. Ela agradeceu. Estava com sede, queria água e deu-lhe um sorriso mais profundo ainda. Davenga se emocionou. Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. daquelas mulheres todas que ele não via há muitos anos, desde que começara a varar o mundo (EVARISTO, 2014, p. 25-26).

Sem sentimentalismos rasos, o encontro de Ana e Davenga provoca emoção e beleza advindos dos grandes romances. O conto “Ana Davenga” desconstrói narrativas simplistas em que as personagens são enclausuradas em formatos únicos, ampliando as possibilidades da representação. Davenga é assaltante, o que não impede que ele seja sensível, goste de Ana, se emocione ao se lembrar da família e se transborde em lágrimas no “gozo-pranto”. Aspectos que se contrapõem a uma realidade social baseada na bandeira genocida “bandido bom é bandido morto”, legitimada por uma sociedade majoritariamente sustentada pelo racismo estrutural, que desconsidera o sujeito humano e suas complexidades. Dessa forma, a literatura de Evaristo age na provocação do sentimento de identificação e empatia, ao acionar no leitor sensações advindas de redes e de laços afetivos próprios da experiência do existir, independentemente de atitudes pontuais do sujeito.

Igualmente necessária é a leitura da obra da escritora Cristiane Sobral. A autora é constantemente lembrada pelo conteúdo empoderador de seus textos. Em sua escrita, corpo e cabelo fazem parte de um mesmo *corpus* político, lembrando a autoviolência física e mental vivida por mulheres negras para projetar uma adequação a padrões estéticos eurocêntricos. Sua produção literária, ao trazer novas representações de corpos negros femininos, “produzem novas e engenhosas possibilidades de referências

figurativas e temáticas do feminino corpo da negrura no cenário atual da Literatura Brasileira” (MARTINS, 1996, p. 111). A leitura da obra da autora provoca questionamentos, principalmente a padrões pré-estabelecidos:

Omi poderia atribuir o desânimo ao calor excessivo dos últimos dias, contudo, no universo múltiplo dos sentidos das mulheres, sabia. Sentia. Seu corpo estava cansado. O dia não seria fácil, como não eram descomplicados os instantes de segunda a sexta em horário letivo. Também, era como era. Mulher em um mundo onde reinavam os machos. Hiperbólica, opulenta, justamente em um país de modelos europeus predominantes, cada vez mais esqueléticos, diria. Nenhum desses adjetivos lhe cabia.

Suas medidas, suas curvas, eram excessivas para os moldes. Sua pele fora tingida com muita melanina. Os cabelos, fortes, crespos, apontavam para o alto, não balançavam com o vento nem estavam na maioria das propagandas de xampu (SOBRAL, 2017, p. 49).

No conto “Das águas”, Omi é um corpo negro feminino no curso de medicina. A protagonista encara a hostilidade do ambiente acadêmico na tentativa de escrever uma outra história. Os questionamentos vão além da presença de um corpo preto na universidade, de forma que a aparência física de Omi carrega atributos negativos que contrastam com um ideal de beleza socialmente construído, ainda mais considerando um curso elitizado, como medicina. Nesse sentido, a escolha de roupas ou de penteados mais próximos do padrão eurocêntrico não é suficiente para driblar o racismo, o que é percebido pela personagem. É por meio de protagonistas assim que é composto o texto de Sobral, a partir de uma gama de mulheres que questionam as lacunas da história, as narrativas racistas e falocêntricas, as concepções falaciosas de beleza e tantos outros lugares comuns que aprisionam o sujeito.

Outra escritora que traz linhas potentes a reescrever a história é Eliana

Alves Cruz. A escritora apresenta no seu espólio romances que, entre várias leituras possíveis, oferecem um diálogo bastante profícuo entre literatura e história, tendo a escravidão como pano de fundo: “Os enredos contam sobre essa migração compulsória, falam de replasmação de identidades forjadas pela diáspora e de racismo, ainda tão presente no dia a dia da sociedade brasileira” (BATALHA, 2020, p. 247). Nesse viés, a escritora oferece ao público-leitor novos atravessamentos a partir de outra leitura da história, no enalço da ficção.

Enquanto a filha sofria banhada em suor, Anolina se preocupava e pensava que ela era muito nova... Tinha apenas 13 anos. Faria 14 em dois meses. Para ela, a Martha teve a sorte de nascer depois da tal lei que deixava livres os bebês, os “ingênuos”. E agora, refletia, já fazia quatro meses que os escravos tinham sido oficialmente libertos. Quando anunciaram a lei, foi uma festança, uma zoada, uma alegria... Mas ela sentia que o negócio não estava bom. Não era essa liberdade que eles queriam. Sem trabalho, sem terra, com a polícia no pé, com medo do presente e do futuro (CRUZ, 2018, p. 117/118).

Nesse excerto, extraído de *Água de Barrela*, livro vencedor do Prêmio Oliveira Silveira de 2015, realizado pela Fundação Cultural Palmares, é possível perceber uma crítica a uma abolição inconclusa que ainda hoje reverbera em um processo de violência contínua aos corpos negros. Torna-se importante mencionar que o livro traz em torno de trezentos anos de história, narradas a partir de outro ponto de vista há tempos silenciado. O livro é atravessado por uma ciranda ancestral de mulheres, que muito lutaram pela sobrevivência. Nesse processo, lavar, passar, cozinhar são ocupações constantes passadas de gerações a gerações. No entanto, o basta, que também é nosso, aparece no grito da personagem Damiana: “Pois eu vou lavar as privadas desses brancos, vou lavar louça, roupa, passar, engomar... Mas ninguém depois de mim vai

fazer isso outra vez na minha família, está me ouvindo bem? Ninguém! (CRUZ, 2018, p. 243). A jovem alfabetizada, exausta, repetiu a função das suas mais velhas, mas a sua fala se fez eco e profecia.

Também a leitura da produção literária da escritora cearense Jarid Arraes se faz imprescindível. Em *Heroínas Negras Brasileiras* (2017), além de resgatar mulheres negras que fizeram parte da história, a escritora ainda possibilita a leitura das biografias por meio do gênero textual Cordel. “Por meio da rima e da cultura popular, consegue naturalizar temas ainda tabus, como o racismo, a homossexualidade e a violência contra mulheres. Filha e neta de cordelistas, Jarid mantém viva a tradição que marcou sua infância” (TEIXEIRA, 2018, p. 628), fazendo da sua literatura formação, transgressão e ruptura.

É por isso que eu digo: /Antonieta é
exemplar /E além de inspiradora /Pode
muito desbravar
/Foi abrindo os caminhos /Pra gente
também passar.
Pras mulheres brasileiras /Ela é
grande liderança /Deve ser muito
lembrada /De adulto atécriança /
Pela sua honestidade /Por sua
perseverança.
Nas escolas não ouvimos /Essa história
impressionante /Mas eu uso o meu
cordel /Que também é importante /Para
que você conheça /E não fique ignorante.
Que você também espalhe /Isso que
acabou de ler /Para que muitas pessoas /
Tenham a chance de saber /Quem foi
essa Antonieta /Como foi o seu viver.
Esse é o nosso papel /Considero
obrigação /Pra acabar o preconceito /
Pra espalhar informação /Destruindo esse
racismo /E gerando inspiração
(ARRAES, 2017, p. 21/22).

Percebe-se que a escritora traz o poema no rastro da história da professora, escritora e jornalista Antonieta de Barros. Nos versos, Jarid Arraes ainda nos lembra do silêncio do currículo escolar em torno das narrativas contra-hegemônicas das mulheres

negras. A cordelista ainda convoca os leitores a ecoar e a movimentar o saber por meio do acesso e da partilha de informações.

Isso posto, percebe-se que as autoras aqui enumeradas, juntamente com algumas de suas obras não são suficientes para dar conta da multiplicidade, da potência e das possibilidades da força do verbo das intelectuais negras brasileiras. Suas escritas, alinhavadas fora do centro, trazem novas descobertas a partir de desobediências epistêmicas – é literatura e história em movimento.

Nesse processo, é importante considerar as peculiaridades e os novos modos de narrar dessa escrita que se apresenta. A escrevivência, aflorada no âmago da interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019), sublinha e convoca um lugar suplementar na literatura brasileira. Sendo assim, a leitura desses textos de forma engessada na ótica do testemunho, da autobiografia ou puramente da sociologia, ou ainda a partir de pressupostos limitadores eurocêntricos, apenas produz desserviço e sustenta um pseudo-lugar inatingível para o cânone universal, para as letras e para a leitura de mundo.

Assim, a literatura negro-brasileira escrita por mulheres, aqui referenciadas e reverenciadas – Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Miriam Alves, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Eliana Alves Cruz e Jarid Arraes – , cumpre um papel importantíssimo na ruptura com o mutismo do sistema literário em relação ao pensamento negro feminino, na formação de novos leitores e de novas leituras e na transgressão dos pressupostos epistemológicos pré-estabelecidos.

Referências

ALVES, Miriam. *Bará na trilha do vento*. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

ALVES, Miriam. *Maréia*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. *Revista Estudos Feministas*, v.8, n.1, Florianópolis, 1º sem., 2000, p.229-236.

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras*. São Paulo: Pólen, 2017. BATALHA, Maria Cristina. Relatos e travessias em Eliana Alves Cruz. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, ano 10, n. 18, Niterói/RJ, out. 2019 a março 2020, p. 246-265.

CÔRTEZ, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016, p. 51-60.

CUTI (Luiz Silva). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

CRUZ, Eliana Alves. *Água de barrela*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: As mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 44, Brasília, jul./dez. 2014, p. 289-302. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a14n44.pdf>>. Acesso em 13 de março de 2015.

_____. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Belo Horizonte, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis. In:_(Org.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014, p. 54- 61.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós-reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020, p. 26-46.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos

lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós-reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020, p.48-54.

_____. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v.13, n.25, Belo Horizonte, dez. 2009, p. 17-31. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em 14 de 10 de janeiro de 2016.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; SOUZA, Florentina da Silva (Orgs.). *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: CEAO, 2006

hooks, bell. Intelectuais Negras. Tradução de Marcos Santarrita. *Estudos feministas*, ano 3, n.2,1995, p. 464-478. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035> >. Acesso em 30 de maio de 2015.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LOPES, Elisângela Aparecida. A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE; Marcos Antônio (Orgs.). *Falas*

Como citar:

SANTOS, M. C. Formação, transgressão e rupturas na Literatura Negro-brasileira escrita por mulheres. *Revista Cerrados*, 30(57). <https://doi.org/10.26512/cerrados.v30i57.38264>